



Mídia Ucrânia no Paraná¹: Construção de Capital Simbólico a partir da Identidade Étnica

Priscila Vieira e Souza²; Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo:

O agregar de valor social à identidade étnica ocorre nas dimensões internas e externas de uma comunidade determinada. O capital simbólico é formado e utilizado nas negociações que ocorrem na teia social e a mídia é espaço privilegiado tanto do contato quanto da visibilidade destas relações. Assim, o presente artigo explora a concepção de capital étnico, procurando identificar sua construção na comunidade ucraina do Paraná através dos textos em português do jornal bilíngüe *Pracia*. Percebe-se, desta forma, o perfil construído pelo próprio grupo – tanto para si quanto para a sociedade em que se insere – através de relatos sobre membros da comunidade, re-elaboração da história, aspectos religiosos, institucionais e externos que interferem na busca por posição na hierarquia étnica nacional.

Palavras-chave: Capital étnico. Imigração. Visibilidade midiática.

O Paraná é o Estado brasileiro onde reside a maioria dos imigrantes ucranianos e seus descendentes, o que faz aspectos culturais e identitários desta etnia serem fortemente encontrados na região. A comunidade ucraniana no Brasil era estimada, em 2004, em 450 mil descendentes - dos quais 90% viviam no Paraná³. As marcas do grupo evidenciam-se em aspectos sociais e culturais do Estado e configuram-se como formas da comunidade ucraina manter-se enquanto tal e sustentar visibilidade social. A mídia, por ser o espaço em que os traços sócio-culturais manifestam-se, além de ser campo de contato e relações, é especialmente interessante para entender a construção de discursos e práticas simbólicas. Assim, o estudo centra-se no impresso ‘*Pracia*’ – bissemanal produzido no município de Prudentópolis e enviado a famílias ucranianas nos cinco continentes. O jornal é dirigido pela igreja da cidade e redigido por dois padres, que foram os responsáveis pela seleção das cinco edições analisadas, todas de 2007. Sendo o foco a construção do valor étnico interna e externamente, considerou-se apenas textos em língua portuguesa.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, da Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduou em Comunicação Social - habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2001), no Paraná. E-mail: priscilavieira@ufjf.br.

³ Informações históricas e dados estatísticos sobre imigração e presença ucraina no Paraná e Brasil são extraídos do artigo “A cultura ucraniana na radiodifusão paranaense”, de ASSUMPÇÃO e GADINI.



A análise ocorreu através da observação direta do jornal, com especial atenção aos adjetivos, já que são claramente constituintes do valor simbólico que o impresso atribui à etnia. A princípio, busca-se apresentar conceitos que fundamentam o estudo e aspectos do contexto sócio político e cultural das imigrações do final do século XIX e início do XX. Em seguida, apresenta-se a análise do jornal e suas relações com o quadro teórico utilizado. Nesta parte, observa-se a construção do perfil do indivíduo ucraniano; a interpretação que o jornal faz da história dos imigrantes; o religioso e o institucional como fontes, simultaneamente, de manutenção comunitária e integração social; e fatores externos que interferem na formação de capital étnico.

1. Hierarquia étnica e capital simbólico

A percepção da construção de identidade está focada no conceito de capital étnico, ou seja, o processo de agregar valor simbólico ao pertencimento à determinada etnia. Para tanto é interessante observar o local onde o jornal é produzido, que remete à história dos imigrantes ucranianos. A imigração sistemática e constante de ucranianos ocorreu no período de 1895 a 1965⁴, através dos portos do Rio de Janeiro e Paranaguá (PR). No Paraná, a maioria buscou a sobrevivência na agricultura, em colônias no interior, onde conviveram com a multiplicidade étnica e cultural, pois no mesmo período o Estado recebia imigrantes de outras nacionalidades. Em Prudentópolis – onde a colônia ucraniana integrava uma estratégia de povoamento do Governo Federal – após o estabelecimento deste primeiro grupo, chegaram alemães, poloneses e italianos. No entanto, 75% dos 45 mil habitantes do município eram, em 2004, descendentes ucranianos. Apesar de ser predominante em número, o grupo não é o único, o que suscita a necessidade de construir e afirmar a identidade em relação aos outros e negociar os princípios de convivência.

O incentivo governamental para as imigrações de europeus no fim do século XIX e início do XX foi demarcado pelo contexto social, econômico e político-ideológico em voga no país durante o período. O ideal iluminista de modernização desvaloriza o discurso religioso e enaltece o progresso e a civilização, que passam a ser critérios de exclusão social e de direito à cidadania. Além disso, são vistos como atributos inerentes à Europa e, portanto, a seus povos, ‘os brancos’. Esta associação gera

⁴ O Pracia relata que o município continuou a receber imigrantes até meados da década de 20. (22, 2007, p.05). No Paraná, a maioria dos imigrantes chegou entre os anos de 1895 e 1897. Depois deste período, há uma redução na quantidade, embora a imigração prossiga até a referida data.



uma hierarquia étnica onde o Brasil busca seu espaço enquanto Ocidente, inferiorizando tudo o que parece ‘não-ocidental’ e desenfreado uma busca pela europeização. No plano político-ideológico, o incentivo à imigração é realizado sob o ideal do embranquecimento da população como forma de inserir o país na civilização Ocidental. Nas palavras de Mohammed Elhaji e Sofia Zanforlin,

Assim, para pôr em prática o plano de modernização e identificação com o modelo notadamente eurocêntrico, foi preciso realizar a substituição de um imaginário calcado nos relatos da Igreja e das missões jesuítas, que sagravam o Brasil o lugar escolhido pelo divino e cujas provas residiam na extensão de seu território e na diversidade e riqueza da Natureza, pelos argumentos científicos, dentre eles, teorias que pregavam a eugenia e a superioridade do branco europeu. O que resulta, no final do século XIX e início do século XX, (...) na busca pelo ‘embranquecimento’ da população mestiça brasileira. (2007, p. 8)

Do ponto de vista da formação étnica do país, essa idealização do europeu desvaloriza o índio e o negro. Um exemplo desta hierarquia é o modo como se constitui as noções de margem e periferia no país. Não raramente vê-se o elemento étnico conjugado ao fator migratório e, assim, modernidade e atraso são relacionados, respectivamente, às regiões que receberam maiores contingentes de imigrantes europeus e nipônicos e àquelas em que predominam as etnias indígenas e negras. (ELHAJI e ZANFORLIN, 2007, p. 10)

Ao fechar um pouco as lentes, no entanto, as questões étnicas tornam-se mais complexas, já que índios, negros e brancos são categorias falseadas e, na realidade, multifacetados, compostos de múltiplas etnias e origens. Os europeus que chegaram ao país neste período trouxeram consigo sua própria hierarquia étnica. No sul do país, especialmente no interior, esta questão se evidencia pela ausência de negros. A disputa por não estar nos últimos escalões hierárquicos é somada aos preconceitos trazidos dos solos europeus. Grandes áreas no interior do Paraná tiveram nos imigrantes os primeiros habitantes após a expulsão e/ou massacre dos indígenas. Estas colônias fazem divisas com outras de grupos etnicamente diferentes. Apesar de formações relativamente semelhantes em aspectos organizacionais, existem lugares em que ‘pular a cerca’ significa adentrar uma outra cultura, inclusive com outra língua. E é exatamente nas relações sociais que a representação de valor ligado à etnia é construída, sendo que o esforço da comunidade em tornar-se visível é determinante⁵. Entre as comunidades que

⁵ Em análise sobre os judeus no Brasil, Roberto Grün pontua como este grupo construiu um capital simbólico proveniente da origem étnica. Este processo passou pelo reagrupamento, engajamento na sociedade de destino, formação profissional, produção cultural e vigilância dos membros da comunidade. Da mesma forma, os alemães no Rio de Janeiro amenizaram o discurso de promoção étnica em seus jornais durante o período da Segunda Guerra Mundial, segundo registro de Giralda Seyferth.



não se dispersaram é comum perceber o empenho para compor e manter o que Roberto Grun chama de capital étnico, ou seja, um capital simbólico forjado coletivamente, relacionado à origem étnica do indivíduo e do grupo. (GRÜN, 2000, p. 377).

Considerando que “(...) o espaço midiático constitui o lócus por excelência de luta pelo poder simbólico na contemporaneidade” (ELHAJI e ZANFORLIN, 2007, p. 1), comunidades étnicas diversas apresentam a preocupação em criar sua própria mídia. Esta necessidade advém, em parte, do

(...) posicionamento hegemônico que transfere os vícios do olhar construído ao longo de uma hierarquia eurocêntrica sobre as margens e periferias do Brasil, na insistência em uma representação arbitrária e contingente do tecido social brasileiro. (ELHAJI e ZANFORLIN, 2007, p. 8)

Assim, obter espaço próprio dentro do contexto midiático funciona tanto para manter a coesão do grupo – em uma construção e reforço permanente de suas características, quanto para a projeção da comunidade no espaço social amplo. Afinal, a formação da identidade étnica é realizada dentro do contexto em que a comunidade se insere, ou seja, em relação – contraposição e negociação – com as culturas locais. Esta construção não é meramente cultural e/ou atrelada a questões psíquicas, mas social, econômica e política. Perpassa os interesses e demandas do grupo – desde a mera sobrevivência até a ascensão social e conquista de cidadania no país de destino. Por isso, trata-se de um processo complexo que permite a agregação ou não de valor em relação à origem étnica. Este capital simbólico acumulado na formação da identidade contribui com o lugar onde o grupo está em termos sócio-econômicos, além de sua posição em uma sociedade etnicamente hierarquizada. Vale ressaltar que identidade e valor não são permanentes, mas podem rapidamente mudar de posicionamento no tecido social, conforme variantes como o esforço do grupo em manter visibilidade, sua eficácia na construção de uma imagem perante a sociedade e novos fatos históricos.

2. Análise do Pracia

Na observação quantitativa do jornal, predomina a preocupação com as questões internas da comunidade, visto que 61% dos textos são publicados em ucraniano. Contudo, é interessante perceber que dentre os temas abordados nos 39% (TAB. 1) dedicados à língua local, assuntos referentes à Ucrânia aparecem em quantidade considerável, perdendo apenas para os temas religiosos (conforme TAB.2). O Pracia caracteriza-se pela abordagem claramente politizada dos assuntos, mesmo noticiosos ou



reflexivos, com referências constantes à necessidade de melhorar a qualidade do voto, à falta de moralidade na política nacional ou citações diretas – críticas ou aprovativas – a ministros, deputados, vereadores. A politização das matérias e a postura religiosa do jornal imprimem forte caráter opinativo aos textos, mesmo aos informativos.

A imparcialidade, portanto, não é uma preocupação e o jornal distancia-se do estilo jornalístico padrão da grande mídia, de linhas objetivas, períodos curtos e pirâmides invertidas. Assim, as características do Pracia perfazem um produto original, com objetivos distintos e uso de linguagem informal, próxima à oralidade. Embora a maior parte seja produzida pelos redatores, aparecem fontes como agências internacionais, jornais ucranianos e outros clérigos, que relatam atividades. Neste último caso, a oralidade fica ainda mais evidente: “(...) no próximo ano durante o Evento dar-se-á as diretrizes das regionais etc. e se anunciará [*sic*] as comunidades das regionais que irão sediar o Evento, caso contrário isto não vai pra frente e pode dar zebra” (NOGAS, 22, 2007, p. 4). Também é comum textos em português apresentarem erros ortográficos e/ou de digitação e de estrutura da língua.

Contudo, por possibilitar o acesso e a leitura de não-ucranianos e especialmente pelo forte apelo religioso – que transcende à comunidade étnica – Pracia é espaço de visibilidade, já que produz um discurso sobre o que é ser ucraniano, sobre a Ucrânia e sobre as relações sociais no país de destino. Quanto ao público leitor do próprio grupo, é importante ressaltar que os discursos produzidos e assimilados pela comunidade interna afetam as práticas cotidianas de construção da identidade que se tornam, através de ações e novos discursos, visíveis na sociedade local e regional.

2.1 Religioso, dedicado e prestativo: o perfil ucraniano

Os textos mais adjetivados são aqueles cujo foco está em membros da comunidade e, nas edições analisadas, isto ocorre em dois momentos: em uma matéria sobre as bodas de casal formado por filhos de imigrantes; e em notas de falecimento. Nestes trechos do jornal, detectam-se características que aparecem para todos, uma espécie de perfil do ucraniano, que passa pela religiosidade, pela dedicação ao trabalho e por contribuições comunitárias. Em geral, o texto inicia enfatizando a fé e segue com a descrição das atividades religiosas exercidas e ajudas materiais para a igreja. Depois, descreve qualidades relativas às relações familiares, tais como “firme educador de seus filhos”, “mãe exemplar”, “pai solícito” e “viveu dignamente sua vida matrimonial”. A biografia ainda enfatiza a profissão e ações desenvolvidas voluntariamente na



comunidade. Assim, a caracterização das pessoas – homens e mulheres são tratados da mesma forma – poderia ser representada por círculos concêntricos que vão de aspectos pessoais às relações sociais: primeiro aparece fé e religião; depois a família; e o mais exterior refere-se a relações sociais mais amplas. Vale ressaltar que valoração profissional possui um forte apelo simbólico, já que Pracia significa trabalho.

A matéria sobre as bodas de ouro de João e Catarina Krejanoski é representativa. Inicia com uma pequena biografia do casal, que segue a lógica fé/ religião, família, profissão/ sociedade. Esta última parte é bastante enfatizada, já que Catarina foi parteira e estabeleceu um ponto de medicamentos na propriedade da família e João foi vereador: “neste período dedicou-se a atender os mais fracos, arcando com as despesas de seu próprio bolso, já que na época vereador não tinha salário”. A matéria lista as realizações do político e reitera que ele “é procurado diariamente por dezenas de pessoas de várias Cidades e Estados, das mais humildes até mais influentes na sociedade, inclusive por religiosos e religiosas” (PRACIA, 9, 2007, p. 5). Esta abordagem é significativa porque ressalta tanto a preocupação política do jornal, quanto o enaltecimento de membros da comunidade que alcançaram destaque em alguma esfera social, além do aspecto religioso, sempre aliado às características positivas dos indivíduos.

2.2. Memória e identidade através da história

O jornal apresenta relato histórico sobre o centenário de uma das comunidades ucranianas da região, interesse de observar pelos fatos históricos destacados e o modo como se desenvolve a narrativa. A matéria valoriza a história dos colonos, como registro de sucesso, e, ao mesmo tempo, preocupa-se em evidenciar a integração ao Estado e ao país. Assim, descreve o evento comemorativo e apresenta, em seguida, a história do núcleo. Na primeira parte, ressalta a “fé e unidade” da comunidade e informa sobre a celebração religiosa. Também aparecem exaltações à cultura ucraniana e o redator não poupa elogios à performance do grupo musical que animou a festa: “(...) apresentaram um breve diálogo em ucraniano e executaram com perfeição cânticos e músicas em instrumentos típicos da Ucrânia – banduras”. (PRACIA, 22, 2007, p. 5)

O progresso ocorrido no município após a chegada dos imigrantes é bastante enfatizado no relato, ressaltando que os colonos, dedicados à agricultura, pecuária e pequena indústria, “representavam fator de grande progresso para a colônia, que prosperava extraordinariamente”. Ações coletivas também são destacadas: “desde o início a colônia demonstrou espírito de associatividade e confiança na sua comunidade”.



Em seguida, a matéria menciona que os próprios colonos traçaram o quadro urbano e as ruas da cidade e descreve a doação coletiva de áreas para construção de estrada e cemitério. A comunidade também cultivava um espaço em regime de mutirão, para sustentar a igreja e pagar os serviços de catequese e atendimento de doentes no posto de saúde, realizados por religiosas. Aparece ainda, com grande destaque, o esforço dos imigrantes em educar os filhos. Inicialmente, os pais pagavam professores e construíram os espaços. Mais tarde, o diretor da colônia conseguiu transformar as estruturas em escolas públicas, com a condição de que ensinassem português. Também destaca a criação da biblioteca, por uma associação juvenil.

A história contada no jornal revela a re-elaboração, através da memória, de uma identidade que passa pela busca por cidadania local e manutenção de características diferenciadas. O capital étnico é constituído nas descrições de sucesso econômico, através do associativismo, que é bem visto para negócios na região, ao mesmo tempo em que liga a prosperidade do grupo ao progresso de toda a localidade. Por outro lado, a integração do sistema educacional e a criação da biblioteca atribuem valor cultural à etnia. A dupla preocupação identitária – manter-se ucraniano e integrar-se ao meio – evidencia-se ainda na lista de contribuições financeiras da comunidade: “faziam-se coletas para crianças órfãs na Ucrânia, para a libertação da Ucrânia. Está anotada, nos livros uma ajuda de 10\$000 para vítimas da seca no Ceará”. (PRACIA, 22, 2007, p. 05)

2.3 Religioso e secular: pontos de contato e fomento de redes

No jornal, a maior parte das matérias em português é religiosa (TAB. 2). Entre elas estão notícias sobre o Papa, igreja ortodoxa do oriente e atividades da comunidade de rito ucraniano no Brasil. O vínculo religioso pode ser analisado de diversas formas. Em princípio, destaca-se novamente a ambigüidade de pertencimento. A própria identificação do impresso, no Expediente, evidencia a preocupação com a integração: “jornal ucraino-católico publicado no Brasil”. Ser católico, no Brasil, foi e, talvez, ainda seja símbolo de identidade nacional. Contudo, a religião passa também pela manutenção da comunidade, que pertence ao “rito ucraniano”, ou seja, católicos, mas diferentes. Essa associação de “igual, porém...” é uma das marcas da construção identitária e funciona para construção do capital simbólico, já que o pertencimento oferece condições de salientar-se em determinadas características e, assim, agregar valor ao aspecto diferencial.



A ênfase no catolicismo pode advir das dificuldades de integração religiosa. Assumpção e Gadini (2004, p. 32) relatam que os primeiros ucranianos que chegaram à região não foram acolhidos pelos padres locais. Assim, solicitaram à igreja ortodoxa na Ucrânia o envio de sacerdotes, mas estes não conseguiram jurisdição para permanecer na região porque eram casados. Este empecilho foi significativo e o primeiro padre ucraniano autorizado para atuar no Brasil era viúvo. Na pesquisa realizada pelos autores, foi identificado um esforço, na década de 40, para reunir a comunidade, religiosamente dispersa. Em Ponta Grossa, um padre realizou levantamento das famílias ucranianas e começou a celebrar missas destinadas a este grupo em igrejas cedidas por padres brasileiros (2004, p. 33). Em Prudentópolis, a dispersão foi menor porque a Cura local, autorizada a manter o rito oriental, existe desde 1896 e, provavelmente, contribuiu para alimentar a memória ritualística dos fiéis, mesmo que estivessem freqüentando igrejas católicas brasileiras. (2004, p. 32)

O pertencimento ao catolicismo é reafirmado em matérias como a que narra o encontro do Movimento Eucarístico Juvenil e salienta a temática do evento, baseada na Campanha da Fraternidade em vigor na época. Este texto também traz características geralmente encontradas nas publicações, o tom opinativo e apelativo e a linguagem informal. As matérias religiosas seguem o padrão da adjetivação vasta, neste caso, para valorizar a dedicação do grupo à fé. Nesta mesma edição, há uma reportagem especial sobre as Santas Missões, em que o autor relata os eventos ocorridos em cada uma das comunidades participantes e, para quase todas destaca que “a comunidade ucraniana é muito bem organizada (...)” (PRACIA, 21, 2007; 4). O adjetivo aparece seis vezes. Em outro momento, ele ressalta que a comunidade do rito latino também participou das Missões, mais uma vez requerendo a integração religiosa.

Observa-se que o jornal parece delegar à igreja a função de centralizadora da comunidade ucraniana. Neste caso, a religião pode de fato ser considerada como um dos aspectos tanto da integração à sociedade ampla como de agrupamento. No entanto, não é suficiente para manter estas características. Por isto é interessante perceber outros fatores, como a formação de entidades que reúnem a comunidade étnica através de redes institucionais de contato. Roberto Grün, quando analisa o capital étnico de judeus em São Paulo, percebe que o peso dos leigos na estrutura organizacional e intelectual da comunidade tem forte poder explicativo do sucesso dos judeus no enquadramento de seus membros.



Da mesma forma, os ucranianos preocuparam-se, conforme seu próprio relato, com a construção de escolas, com a formação de associação juvenil⁶ e com fundação da biblioteca. A transformação das escolas dos colonos em instituições públicas, com inserção do ensino de português e, para além disso, a importância atribuída ao fato, é mais um fator que alimenta a relação integração/ diferenciação. Os ucranianos estudam em escolas públicas, como todos os paranaenses, mas dentro da colônia, com professores – colonos – que passaram em concurso público. Além disso, o relato ressalta que a escola era usada também para “aulas de catecismo, língua ucraniana, reuniões culturais e teatrais e de lazer” (PRACIA, 22, 2007, p. 5). Oficialmente a instituição era escolar, mas ela reunia funções de clube cultural e/ou recreativo, que são identificados por Grün como importantes integrantes da rede institucional.

Uma característica peculiar da região é a inserção dos imigrantes no ambiente rural. Formar esta rede dentro da colônia é, aparentemente, mais fácil do que formá-la em ambiente urbano, miscigenado pela própria configuração. Assim, a comunidade ucraniana demonstra – vale lembrar que a história foi contada por eles mesmos – forte organização coletiva, com atividades e produção comunitária. Em um dos jornais aparecem dois editais da cooperativa⁷ que reúne produtores das colônias. Este sistema caracteriza a produção agrícola regional, é competitivo nas relações de mercado e pode ser considerado um reforço de integração econômica.

2.4. Hierarquia importada e a relação com a Rússia

Após a análise de fatores internos que possibilitaram tanto a integração quanto a manutenção da comunidade, faz-se necessário refletir sobre os fatores externos. Ao todo, foram aproximadamente 80 anos de imigração, que se encerra apenas após a Segunda Guerra Mundial, 15 anos antes da independência da Ucrânia, com o fim do domínio alemão sobre parte de seu território. A história da Ucrânia é bastante conturbada e, durante muitos anos, os imigrantes não podiam contar com a pátria mãe como fator que agregasse valor étnico, a não ser de modo semelhante ao que foi o Holocausto para os judeus, por causa do Holodomor⁸. A dizimação dos habitantes da Ucrânia, ocasionada pela negação da União Soviética em fornecer sementes para plantio

⁶ Embora esta entidade possuísse vínculo eclesástico, as ações descritas - como ajuda comunitária, teatro, construção da biblioteca e outras - transcendem a dimensão meramente religiosa.

⁷ A organização das colônias em cooperativas formais, responsáveis pela distribuição de sementes, venda da produção dos cooperados, logística de transporte e outras funções, é relativamente recente. A fundação da Cooperativa Agrícola Mista Prudentópolis – CAMP data de 1977. É interessante a adjetivação “associativista” para a comunidade dos primeiros imigrantes – ainda no século XIX.

⁸ Para o mesmo fato, também é utilizada a denominação Gholodomor.



de alimentos, gerava solidariedade nos autóctones e em imigrantes de outras nacionalidades que também se opunham ao império soviético – como os poloneses. Aliás, os primeiros ucranianos que chegaram ao país eram confundidos com russos e poloneses, porque provinham do Império Austríaco. No entanto, a confusão tornou-se penosa para os ucranianos, especialmente depois do Holodomor. No Pracia, percebe-se que o episódio ainda é um trauma, uma sombra para os descendentes. A nota “Vândalos destruíram a exposição sobre a Gholodomor” oferece o tom em que a Rússia é discursivamente retratada:

Três vândalos, homens russos entraram no Centro Cultural da Ucrânia em Moscou e tentaram destruir a exposição dos documentos sobre Holodomor de 1923-3. Os vândalos entraram na repartição e derrubando estantes, jogando ao chão arquivos e quebrando vidros bradavam que Holodomor é uma invenção dos ucranianos para dinegrir [sic] o governo russo. Os três malfeitores foram presos pelo serviço de segurança. (PRACIA, 22, 2007, p. 1)

Prosseguir esta construção do homem russo vândalo e malfeitor em oposição ao ucraniano de fé, homem de família e boas ações sociais revela a continuidade do rancor da dominação. Por raciocínio semelhante, as notícias sobre a Ucrânia defendem a ocidentalização do país, valoriza sua entrada na União Européia – em oposição à Rússia – e o crescimento econômico. Os trechos que seguem, extraídos de uma nota política, são exemplos claros:

(...) o presidente Victor Yustchenko (...) espera que as divergências serão [sic] superadas e o país, que já está dando sinais de crescimento, vai continuar a caminhar em direção do Ocidente. (...) até agora o primeiro ministro V. Yanuchovicz não deu sinais que quer conduzir a Ucrânia independentemente da Rússia e há perigo que [sic] ele possa estragar todas as pretensões do presidente Yustchenko de transformar a Ucrânia em um país europeu, membro da Comunidade Européia. (PRACIA, 21, 2007; 1)

A oposição à União Soviética certamente não foi um problema para a integração do grupo ao Brasil. Em um país imerso em ditaduras, em que se prendeu, torturou e matou sob a justificativa de mantê-lo livre do comunismo, esta posição pode, inclusive, ter contribuído para a identificação com o local de destino. Havia um inimigo em comum. Certamente facilitou a inserção política de membros da comunidade, que ‘obviamente’ não podiam ser ligados aos ‘comunistas’, já que pertenciam a uma comunidade vitimada pela União Soviética. Ao mesmo tempo, aparece a defesa de valores ocidentais, em mais um movimento de identificação/ integração – também no campo político, ou seja, na esfera pública da sociedade.



Neste contexto conflituoso, é compreensível a construção do capital étnico ucraniano se dar em detrimento da desvalorização do russo. Ao chegar ao local de destino, os imigrantes tiveram que dividir espaço e disputar seu local na hierarquia. A estratégia ucraina certamente passa pela mídia. Além do Pracia, a igreja manteve, por 13 anos, um programa radiofônico. Zeneida e Gadini (2004, p. 39) revelam que as notícias do país de origem veiculadas no programa eram oferecidas entremeadas de comentários não só interpretativos, como tendenciosos. As notícias da Ucrânia Soviética eram normalmente acompanhadas de críticas à União Soviética e ao sistema socialista. Após a independência (agosto de 91), as notícias são sobre a “nova” Ucrânia, como a visita do presidente brasileiro (1995) e mesmo excursões de imigrantes e descendentes ao país de origem.

3. Conclusões e apontamentos

Percebe-se, assim, no Pracia, a preocupação tanto com a comunicação interna e conseqüente manutenção da comunidade, quanto com a formação de uma imagem externa, projetada para a sociedade. Os adjetivos utilizados na definição dos indivíduos e das comunidades não deixam dúvida sobre a visibilidade que se pretende dar à etnia. A formação do valor simbólico referente ao pertencimento à comunidade pode ser entendida a partir de diversos fatores. No início da imigração, os europeus são favorecidos pela idealização da mistura das raças, que existe no Brasil, aliada ao ideal modernizador que passa pelo embranquecimento da população. Não à toa, a imigração ucraniana recebeu apoio governamental. A centralidade europeia é uma marca também na história da Ucrânia. Há, aqui, uma identificação entre o país de origem dos imigrantes, que quer adentrar o Ocidente através da negação da Rússia, e o Brasil, que pretende igualar-se aos países do eixo norte, a partir do embranquecimento. Para atingir seus objetivos, ambos utilizam o argumento do desenvolvimento econômico. Ao ideal da miscigenação soma-se, segundo Grün, a abolição tardia da escravatura, ou seja, no Brasil, quanto mais o indivíduo – ou grupo – distingue-se da identidade negra, mais valorizado na esfera das relações sociais.

No caso analisado, a quase ausência de negros na formação étnica da região é um dos fatores apontados para explicar a disputa existente entre imigrantes europeus por não estar entre os últimos escalões da hierarquia étnica. Isto transparece na desqualificação dos russos. À necessidade de qualificar-se a partir da desqualificação do



outro, somam-se os valores trazidos do local de origem e, em um ambiente com muitos não-autóctones, este acaba sendo um elemento significativo. Além do trauma do Holodomor, a necessidade de depreciar os russos prossegue – apesar dos quase 20 anos em que a União Soviética foi desagregada e dos 12 anos de independência da Ucrânia – porque esta escala é dinâmica e pode ser rapidamente alterada por elementos internos ou externos. Evidentemente, os acontecimentos citados influenciam a posição de cada uma destas etnias. A independência da Ucrânia criou a referência à nova Ucrânia, ou seja, um modo de diferenciar do que existia antes. Ao mesmo tempo, os russos sofrem a indeterminação da pátria mãe e a perda da Guerra Fria.

O agrupamento é outro importante fator na formação da capital étnico, apontado por Grün. Em sua pesquisa percebe que os judeus conseguiram construir este valor a partir do reagrupamento urbano. Os ucranianos não tiveram tanta dificuldade, já que a maior parte foi inserida no contexto rural de formação colonial, em regiões em que se tornaram maioria da população. Ainda assim, observa-se o esforço para o reagrupamento religioso, nos anos 40. A preservação da religião, neste caso, gerou convivência regular e contribuiu com a não-diluição dos traços culturais. Ao mesmo tempo, esta comunidade é integrada ao catolicismo e, inclusive, realiza diversas missas em português, atraindo não-ucranianos para o convívio religioso e social. O interessante, neste caso, é o impulso de sair do grupo colonial para buscar a integração social. Este impulso permite a preservação e sobrevivência da comunidade enquanto tal, já que a abertura exige diálogo, possibilita a negociação entre as culturas do local e o caminho da construção de identidade. A questão com a igreja católica exemplifica a negociação cultural. O grupo aceitou o celibato, o papa e outras características do catolicismo brasileiro. Mas manteve o rito próprio, ucraniano. Esta negociação pode ser percebida também na criação de instituições e entidades, que, ao mesmo tempo em que são direcionadas para a comunidade interna, no despertar de interesse e transmissão da cultura às novas gerações – são bibliotecas, escolas, clubes, grupos de danças, música e outras – projetam a cultura para a sociedade. Esta rede institucional é fator tanto da não-diluição cultural dos ucranianos quanto da integração/ aceitação social e constituinte de valor simbólico.

Por fim, pode-se apontar como fator de construção de capital étnico a inserção econômica do grupo na região. Formada por grande número de famílias, as colônias transformaram-se em cooperativas, conforme a tendência da economia agropecuária regional. Além disso, a preocupação com a educação levou parte dos descendentes às



escolas superiores e inserção em outras áreas do mercado de trabalho. Atualmente, os ucranianos investem também nas rotas de turismo regional, que exploram tanto os atrativos naturais quanto o turismo étnico. Os colonos também contribuíram com a formação de pequenos municípios, o que acarretou em inserção política. Aliás, o caráter altamente politizado do jornal funciona estrategicamente na formação do capital étnico. Os textos, especialmente os principais, transcendem os valores morais religiosos e opinam sobre questões sócio políticas. Aparecem ataques ao pessoalismo e corrupção políticas, ao machismo, pobreza, fome e miséria do país. Valores como honestidade, justiça, educação e cultura são, em contraposição, apresentados como ‘salvação do atraso econômico’: “enquanto prevalecer a nossa cultura fatalista, superficial e acusadora dos outros, sempre continuaremos na rabeira na economia mundial” (PRACIA, 1/2, 2007, p. 2). Os problemas são encarados na perspectiva de integração. São ‘nossos’. A defesa de valores democráticos e de questões sociais no jornal constrói um discurso político universal, que indica a cidadania nacional brasileira. A diferenciação aparece sutilmente na apresentação de soluções para as mazelas comuns a “todos nós”, brasileiros.

Ressalta-se, assim, que o processo de agregar valor simbólico a um grupo étnico se dá na relação e negociação da identidade com a sociedade ampla, com suas formas múltiplas e complexas. O isolamento – uma mídia totalmente na língua de origem, por exemplo – não produz este efeito, que se dá nas relações, sejam de identificação/solidariedade ou de conflito. O impulso para a disputa é tanto econômico – de sobrevivência, em um primeiro momento e mais refinado em outro, como conquista de espaço no mercado agropecuário regional – quanto político, pela necessidade de obter, no local de destino, reconhecimento social de cidadania.

4. Tabelas

TABELA 1
Pracia em números

	Jornal 1	Jornal 2	Jornal 3	Jornal 4	Jornal 5	TOTAL
Total de textos (por títulos)	31	23	13	14	13	94
Em português (por títulos)	10	10	06	06	06	38



% textos em português	32	43,5	46	42	46	40
-----------------------	----	------	----	----	----	----

TABELA 2
Textos em português

Tipos de texto							
	Jornal 1	Jornal 2	Jornal 3	Jornal 4	Jornal 5	TOTAL	%
Artigo	2	1	1	1	1	06	16
Nota informativa	2	2	2	2		08	21
Informativa	3	2	2	2	1	10	26,5
Edital	1					01	2,5
Nota de Falecimento	2	4				06	16
Reflexão narrativa		1	1	1	2	05	13
Reflexão mensagem					1	01	2,5
Poesia					1	01	2,5
TOTAL						38	100
Temas abordados em artigos, notas e informativas							
Ucrânia	3		1	2		06	23,5
Brasil	1	1	1			03	12
Religião	3	3	4	2	2	14	54
Comportamento		1				01	3,5
Social		1				01	3,5
Política geral				1		01	3,5
TOTAL						26	100

5. Referências

ASSUMPCÃO, Zeneida e GADINI, Sérgio. **A cultura ucraniana na radiodifusão paranaense: folclore e expressão midiática da cultura dos grupos étnicos.** In Signos, ano 25, n.1, p.29-43. Lajeado, Univates, 2004

ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação Intercultural: prática social, significado político e abordagem científica.** In Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <www.compos.com.br/e-compos>. Acessado em: 05 março 2008.

ELHAJJI, Mohammed e ZANFORLIN, Sofia. **Pertencimento e alteridade na mídia brasileira: entre negação e negociação.** São Paulo: UNIP, 2008.

FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América.** SP: EDUSP, 2000.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

GRÜN, Roberto. **Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil.** In Fausto, Boris (org). **Fazer a América.** SP: EDUSP, 2000.



HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOCIOLEK, Ana e KOCIOLEK, Thomaz. **Breve histórico da imigração ucraniana no Brasil**. Disponível em: <www.geocities.com/CollegePark/Union/2240/UCRANIA.HTM> acessado em: 14 abril 2008.

NOGAS, Jaime. VI Encontro do MEJ. **PRACIA**. Prudentópolis, ano LXXXVIII, n.22, 16 a 30 nov. 2007.

PRACIA. Prudentópolis, ano LXXXVIII, n. 1/2, 1 a 31 jan. 2007.

PRACIA. Prudentópolis, ano LXXXVIII, n. 9, 1 a 15 maio. 2007.

PRACIA. Prudentópolis, ano LXXXVIII, n. 21, 1 a 15 nov. 2007.

PRACIA. Prudentópolis, ano LXXXVIII, n.22, 16 a 30 nov. 2007.

PRACIA. Prudentópolis, ano LXXXVIII, n. 24, 16 a 31 dez. 2007.

SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. In GOMES, Ângela de Castro (org). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.